

Anuário da Poesia Paraense

entrevista com Airton Souza

Airton Souza de Oliveira¹
Kassia Juliana da Silva Sampaio²

Resumo:

Entrevista do escritor Airton Souza de Oliveira para Kassia Juliana da Silva Sampaio. Airton Oliveira é escritor marabaense e desde 2015 organiza o *Anuário da Poesia Paraense*, tema principal da entrevista.

Palavras-chave:


Literatura. Anuário da Poesia Paraense. Airton Souza.

1) Airton Souza de Oliveira – Licenciado em História, pela Uniasselvi, licenciado em Letras pela Unifesspa, mestre em Letras pela Unifesspa e doutorando em Comunicação, Cultura e Amazônia na UFPA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9024-0715>. E-mail: souzamaraba@gmail.com.

2) Kassia Juliana da Silva Sampaio – Graduanda em Letras na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, em Marabá. E-mail: juliana.sampaio@unifesspa.edu.br.

KJSS: Para terem seus poemas publicados do Anuário os escritores precisam atender alguns requisitos como: ser paraenses (nascidos ou radicados) e ter mais de 18 anos. O que confirma, entretanto, a publicação dos poemas no Anuário é o pagamento de um valor predeterminado (exceto o volume 6, que teve o financiamento com recursos da lei Aldir Blanc). Dessa maneira, não há um processo de curadoria ou avaliação prévia dos poemas. Você acha que isto, de alguma maneira, pode comprometer na qualidade dos poemas publicados? Você faz alguma solicitação temática ou formal aos autores? Já ocorreu alguma vez de você fazer a solicitação para que autores trocassem algum poema?

ASO: Desde o começo do projeto a ideia era agregar, então foi descartado, já de antemão, a ideia de seleção, de atribuir qualidade, até porque isso demandaria vários processos, inclusive processo de exclusão. Pois se você faz um processo de seleção, então automaticamente você exclui. E como a ideia do anuário era, de algum modo, tentar democratizar a publicação, inclusive de pessoas que nunca tiveram a oportunidade de publicar, nós descartamos a ideia de seleção. Em hipótese nenhuma. A única vez que houve seleção foi através da lei Aldir Blanc e, mesmo assim, a gente conseguiu agregar quase todo mundo que se inscreveu, um número imenso de pessoas que enviaram seus poemas. Porque, de fato, a ideia era agregar escritores, poetas, as mulheres, os homens, independente de qualquer coisa. A meu ver, essa questão de qualidade, eu não sei se compromete porque eu não tenho esse viés analítico de dizer o que tem qualidade e o que não tem dentro da literatura. Eu acho isso problemático também, ter que categorizar qual é a literatura de qualidade e qual não é. Claro que todo leitor tem suas preferências, eu na condição de leitor tenho as minhas preferências, mas na condição de organizador da antologia eu não tenho essa perspectiva de dizer quem é bom e quem não é. Por isso a ideia de seleção não existe. E se compromete ou não a questão da qualidade eu acho que o tempo vai dizer isso pra gente também. Mas o que importa é a gente perceber que esse projeto agrega escritores que, de alguma forma, já são reconhecidos no cenário local, na Amazônia também, e agrega pessoas novas que estão começando a escrever e se encorajam para que possam publicar os seus poemas. Então eu acho que o bonito do anuário é justamente esse processo de agregação, de agregar, por exemplo, um poeta Paulo Nunes, professor, pesquisador, poeta, inclusive foi semifinalista do prêmio Oceanis, que é o prêmio mais importante da língua portuguesa, agregar vários nomes de poetas que já são conhecidos como Vanda Monteiro. Então você tem uma série de poetas que já são referências no cenário do estado, da Amazônia como um todo, e se



agregam com pessoas que ainda estão começando, eu acho isso bonito, essa coisa que, de algum modo, não deixa de ser democrático e político ao mesmo tempo.

A única vez que houve uma troca de poemas foi porque um poeta enviou um poema com uma imagem e a editora pediu para que o poema fosse trocado porque não ia autorizar a publicação da imagem, não achava viável, então foi a única vez que a gente pediu a troca de poema, mas nunca, nunca isso iria acontecer de modo algum. A gente nunca cogitou fazer isso de modo algum. Então não há seleção por conta disso, porque o projeto visa ser democrático de alguma maneira.

KJSS: O Anuário procura estabelecer um diálogo com outros segmentos estéticos, pois as capas de todas as edições contam com a imagem de uma ilustração, pintura ou fotografia, um artista plástico que é, também, o homenageado da edição. Como você faz a escolha das obras para a capa e do artista homenageado? Quais critérios? Quem mais participa deste processo?

ASO: A ideia era homenagear algum artista da arte plástica aqui do estado e mostrar um pouco da sua referência bibliográfica, do seu trabalho e a capa seria essa vitrine. Quem geralmente faz a escolha da obra da capa é o próprio artista que faz a indicação do que ele gostaria. A gente faz o convite para o artista, se ele aceita ser homenageado, então a gente solicita que ele envie uma imagem de uma das suas obras para ilustrar a capa. E a questão do critério de escolha é do próprio artista, ele que escolhe. A maioria foram mulheres que foram homenageadas. Eles que fazem esse processo de escolha do que eles preferem que vá para a capa da Antologia.

KJSS: Vemos no Anuário que a predominância é de autoras mulheres e, de sete artistas homenageados para as capas, seis também são mulheres. Como você interpreta essa forte presença do feminino do Anuário?

ASO: A presença das mulheres é muito importante para nós em todos os anuários. Inclusive na seleção do nome da artista homenageada eu faço questão de escolher uma mulher para darmos esse espaço que foi negado historicamente para as mulheres. Dentro do campo da arte isso foi mais visível historicamente, então eu sempre procuro pesquisar alguma artista de referência na nossa região, na nossa cidade, do estado como um todo e faço o convite. Nessa nova edição eu ainda não fiz o convite porque eu ainda estou em busca dessa referência, dessa artista porque eu quero continuar tentando manter um número de mulheres homenageadas. Dentro do campo da poesia também parte desse incentivo também de contatar elas, de pedir que elas participem. Eu acho que isso se deve também ao nosso trabalho na região em relação a dizer que as mulheres podem estar onde querem estar, ocupar esses espaços, sobretudo dentro da poesia. O Anuário tem essa porta. Eu acho que o processo de tirar seleção, por exemplo, abre essa porta para que todos possam participar, inclusive se encorajem e participem. Então eu vejo como um diferencial para nós do Anuário ter um maior número de mulheres, tanto homenageadas como dentro do próprio livro publicando seus poemas.

KJSS: O Anuário da Poesia Paraense é uma antologia e recebe este nome por ser publicado anualmente. Sabendo que as antologias ganharam força no Brasil num momento em que se buscava uma unidade cultural do país e a literatura era vista como expressão da nacionalidade, você acha que o Anuário pode ter este mesmo efeito nas terras paraenses?

ASO: O que a gente pretende com o anuário são duas coisas: primeiro esse processo de agregação, agregar pessoas, agregar poéticas; e, sobretudo, mapear onde estão essas poéticas, esses poetas que estão escrevendo. Essa questão ligada à expressão da nacionalidade, como o trabalho é muito livre, os poemas são livres, até as temáticas são livres, não percebemos essa questão de unidade ligada à Amazônia, nos termos referenciais amazônicos como a água, a floresta, a exploração das riquezas, mas o que percebemos é essa preponderância, os participantes geralmente são os mesmos, que vêm desde a primeira edição e aí mostra-se esse campo de interesse de mostrar um pouco do seu trabalho porque o Anuário funciona como essa vitrine, esse espaço em que poetas vão se olhar, vão poder ver um ao outro ali dentro. Então é esse espaço de troca também. Eu consigo entender mais nesse sentido, nessa possibilidade de traçar um mapa poético e também nessa possibilidade de um olhar para o outro, sabendo onde estão, o que estão dizendo, como estão dizendo.

KJSS: O Anuário é uma dentre as muitas antologias publicadas no estado do Pará, e dentre as tantas publicadas na região sul e sudeste. Mas destas apenas o Anuário permanece sendo publicada sem interrupções. Sendo também a única a passar de 4 edições. Você encontrou alguma resistência ou rejeição de alguns autores no início? Ainda hoje a antologia sofre críticas, tendo sido chamada de “caça-níquel”. Como você lida com as críticas que apontam no Anuário aspectos negativos, negativos na opinião de quem está emitido a crítica.

ASO: A resistência eu encontro até hoje. Têm muitos poetas, sobretudo da região metropolitana de Belém, que se negam a participar, devem ter os seus motivos, mas eu poderia enumerar pelo menos dois desses motivos: primeiro é a questão do valor que é cobrado, já que é um trabalho independente o valor é para custear a impressão do livro, no mínimo o trabalho de edição e inclusive frete e envio. Algumas vezes eu mesmo preciso tirar do meu bolso para ajudar a custear o restante desse trabalho todo. Mas eu encontro resistência desses autores que já se acham, de algum modo, consagrados no cenário da literatura, inclusive muitos não participaram até hoje e eu recebo e-mail, mensagem deles. Mas vamos trabalhando nessa intenção de lidar com tudo isso, com essa resistência de participação. Os poetas que participam ficam muito felizes com o resultado do trabalho. É um trabalho de alto nível, em relação a gráfica, a impressão, por exemplo, é feita em São Paulo. É um livro que não deve nada a ninguém, não deve no sentido de qualidade. Então apesar das críticas estamos tentando levar o projeto adiante. Agora chegamos à oitava edição e a ideia é ir caminhando com ele até onde pudermos ir e tentar contribuir com o processo histórico da poesia no Pará. É bom saber que o projeto teve continuidade ao longo desses quase nove anos de projeto, mesmo diante de todas as resistências, críticas. Mas pretendemos continuar com o trabalho, quem sabe uma hora ou outra não conseguimos sensibilizar esses críticos da importância do anuário, da importância de agregar sua poética junto com outras poéticas já de muito valor, de muito reconhecimento no cenário, mas é um processo. Tenho alguns poetas que já mandaram e-mail justificando a sua ausência, alguns fizeram críticas abertamente. Enfim, não é um projeto que eu ganhe nada com isso financeiramente, mas é um projeto que me alimenta no sentido de tentar continuar contra a resistência, sobretudo em relação à palavra, à literatura e à poesia principalmente.

KJSS: Como você se sente vendo seu projeto ganhando solidez e prestígio no meio literário? Quais os planos futuros para o Anuário?

ASO: O plano para o futuro é continuar com o projeto até onde der. Sempre que eu inicio os trabalhos de divulgação do edital fico meio apreensivo pensando o que vai ser, quem vai querer continuar participando, quem vai ter interesse em continuar mostrando sua poética, então é um trabalho que me tira um pouco o sono nesse sentido de pensar o que vai ser quando eu começo a ler as publicações. Mas ver que o projeto caminhou é satisfatório no sentido de que valeu a pena ter a ideia de começar, ter insistido, alguns anuários tiveram pouquíssimos poetas participando, mas ter insistido, não ter baixado a cabeça. Hoje eu consigo agregar cem poetas por edição praticamente, é um número muito alto. A ideia é continuar tentando conseguir formas para conseguir manter o projeto por vinte, quem sabe trinta anos. Mas a ideia é levar o projeto e continuar com ele. Os planos para o futuro são esses, que o Anuário possa alcançar pelo menos trinta anos de trabalho dentro desse estado.

Eu aproveito para agradecer a oportunidade de falar um pouco sobre esse projeto, um dos meus projetos que eu gosto muito de trabalhar com ele, apesar da cansaça que me dá, divulgar e insistir em algumas pessoas para participar e procurar pessoas para fazer edição, depois procurar gráfica, mas o resultado final vale muito a pena. Então o plano para o futuro é permanecer na resistência de continuar com o projeto.